Brinquedos e brincadeiras

Roseana Murray

CÓDIGO DO LIVRO
0453L18601

PNLD 2018 - Categoria 4 - 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental
Material de divulgação – versão submetida à avaliação



FTD

Ilustrações Cris Eich

CASA NA ÁRVORE

O menino já tem
uma casa na árvore
feita de madeira e vento,
com porta e telhado
e uma escadinha que chega
quase ao céu.
Para sua inauguração
convidaremos esquilos
e maritacas,
toda a gente da mata,
além de duendes e fadas.
E em noites estreladas
a casa flutuará ao léu.



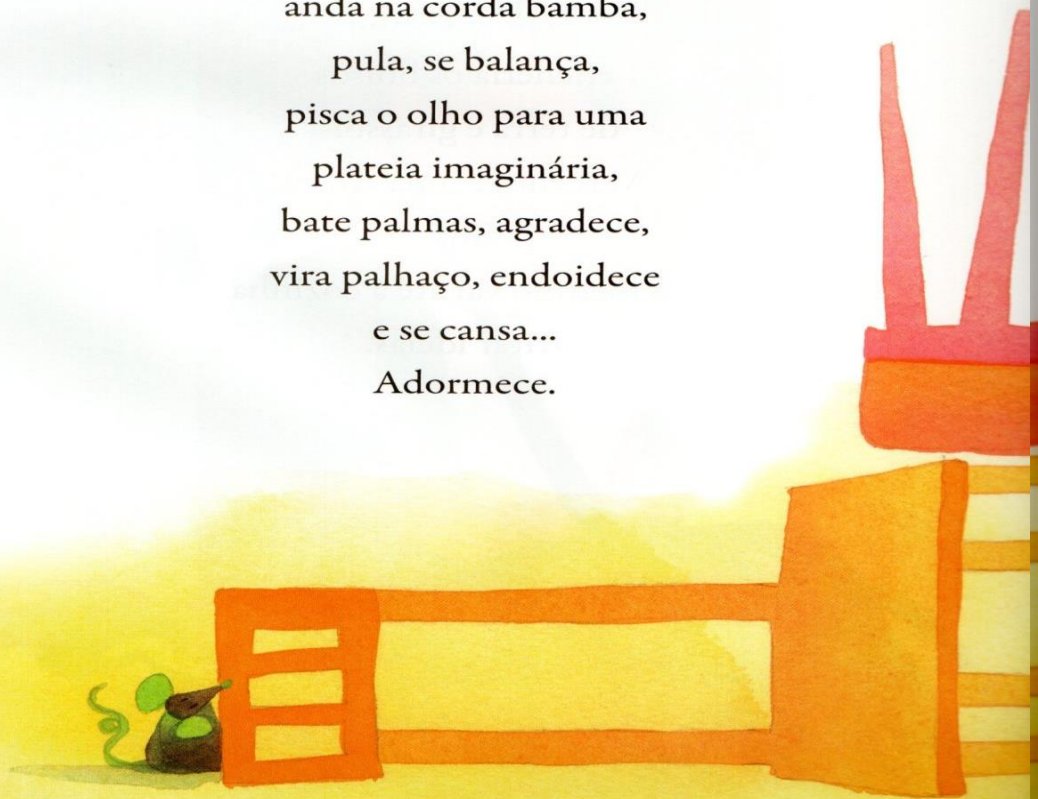


PULAR CORDA

Se pudesse o menino pularia
corda
com a linha do horizonte,
se deitaria sobre a curvatura
da Terra
para sempre e sempre
saudar o Sol,
encheria os bolsos
de terra e girassóis.
Mas chove uma chuva
fina
e o menino vai até a cozinha
fritar ideias.

BRINCAR DE CIRCO

Para brincar de circo
basta saber andar
no fio que costura
o lado claro e o lado escuro.
E lá vai o menino:
se balança no trapézio,
faz magias, estripulias,
anda na corda bamba,
pula, se balança,
pisca o olho para uma
plateia imaginária,
bate palmas, agradece,
vira palhaço, endoidece
e se cansa...
Adormece.







MARIA-FUMAÇA

Algumas caixas de fósforos:
os palitinhos servem
para montar os trilhos
no chão do quarto,
um pedaço de barbante
para juntar os vagões
e já está pronto o trem
que vai viajar por aqui
e para além.

O menino de quepe ou turbante
é o maquinista do trem
e grita, apita, atenção,
o trem já vai sair da estação,
embarquem todos,
piuí, piuí, que o trem já vai
partir
para qualquer direção.
Embarcam fadas e dragões,
super-heróis,
bruxos de todas as espécies,
e lá vai o trem suspirando
sonhos, fogo e fumaça.

BOLA DE MEIA

Desta vez o recheio
da meia não é o pé,
com seus dedos e unhas,
bolhas, machucados,
até mesmo bicho-de-pé.
Um recheio, quem sabe,
de papel amassado,
pano recortado,
palha de milho
ou mesmo um pouco
de feno
que o cavalo não comeu,
para que a meia vire bola,
a sala vire gramado,
uma colher vire apito
e o armário cheio de pratos
com as portas abertas
vire gol.





IOIÔ

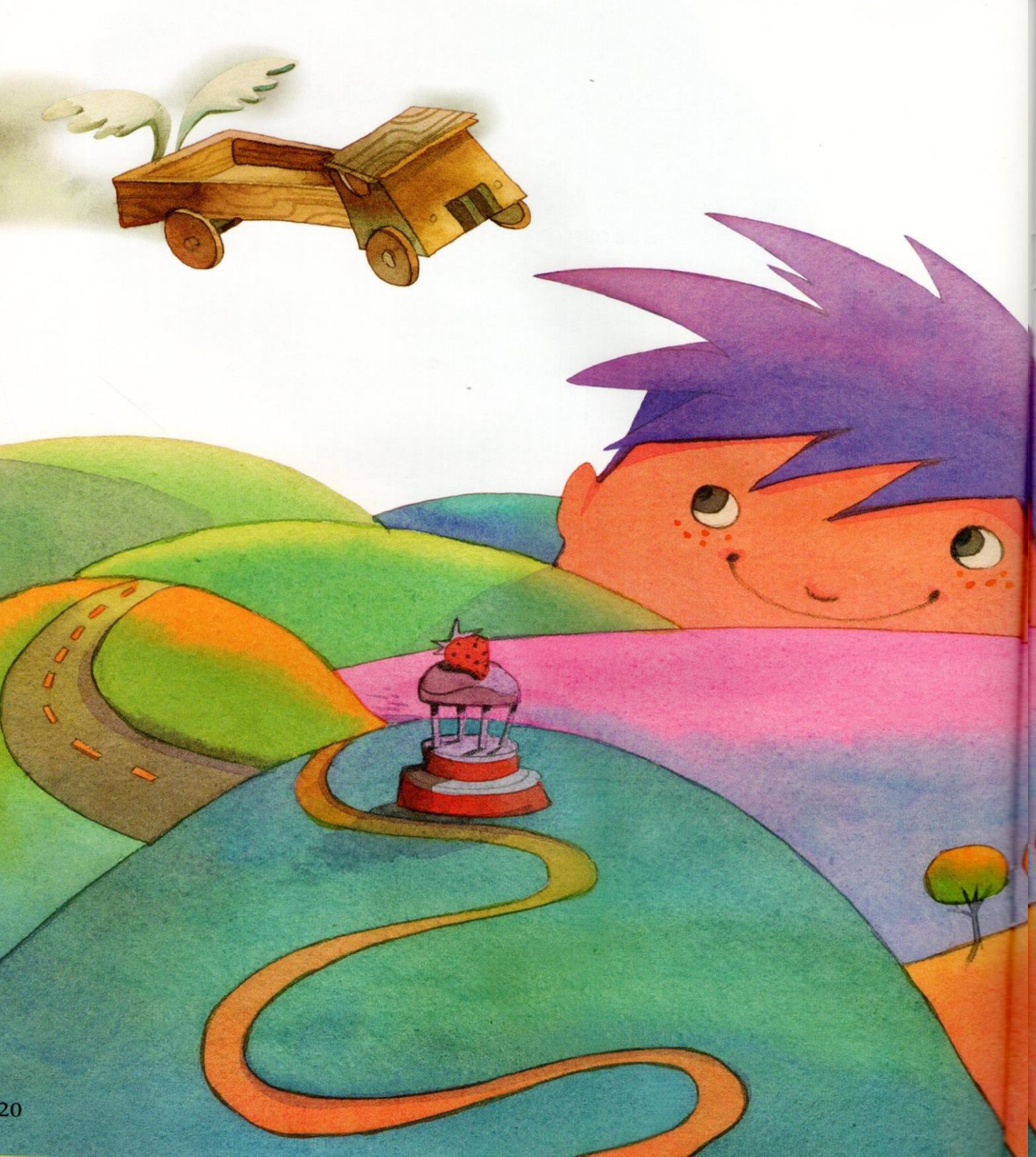
A ponta do barbante
amarrada no dedo da mão,
atenção! Há que jogar o ioiô
num balanço de todo o corpo
para que ele volte como pássaro
amestrado ou pombo-correio
que traz notícias do chão.



BOLA DE GUDE

Coloridas, brilhantes,
verdes, vermelhas, azuis,
parecem diamantes,
pedras mais que preciosas,
parecem pedaços de mar.
É o tesouro do menino,
e brilham dentro dos bolsos
até que outro menino
junte com ele as suas bolas de gude.
No chão de terra
uma verdadeira guerra
se arruma.





CAMINHÃO DE MADEIRA

Com restos de madeira
se constrói um caminhão
e, por estradas inventadas,
poeirentas ou bem-arrumadas,
o menino atravessa o mundo,
sobe montanhas, desce por abismos
e desfiladeiros
até chegar à Terra do Nunca
onde o tempo nunca se acaba.

PAPÉIS DE SEDA

O menino espalha
pela mesa da sala
papéis de seda,
cola, varetas, barbante,
e por um instante
a casa se transforma
numa fábrica colorida de pipa.

O tempo corre, apita,
se agita,
enquanto o céu espera.

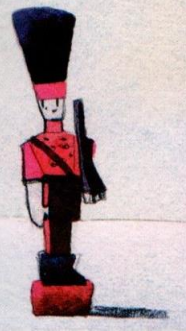




SOLDADINHOS DE CHUMBO

Numa caixa antiga
que foi do pai,
que foi do avô,
do bisavô,
o tempo ficou guardado,
dobrado por cima
da fileira de soldadinhos
de chumbo.







O menino abre a caixa,
suspira, arruma o batalhão
para uma guerra de mentira,
numa brincadeira que foi do pai,
do avô, do bisavô.

Mas é melhor brincar de paz.
Que os soldadinhos de chumbo
voltem para casa, a pé ou a cavalo,
de trem ou de neblina,
guardem as armas, afiem o coração
para o amor, para a vida.



CARRINHO DE ROLIMÃ

Os olhos do menino faíscam,
chispam,
cospem fogo
de alegria,
enquanto o carrinho,
uma tábua de madeira
com rodas de rolimã,
escorrega pelas calçadas,
pelas ladeiras,
sem eira nem beira,
pelo azul do dia.

CASINHA

A menina brinca de casinha
no fundo do quintal:
com duas pedras
se faz um fogão a lenha,
se cozinham plantas
e sementes,
frias ou ardentes.



Se inventam pratinhos
de folha de árvore,
se convidam
bonecas
de toda espécie:
louras, negras,
gordas, magras,
quietas, tagarelas,
azuis, amarelas.

Uma galinha avisa:
Có-có-ri-có,
entra pra dentro menina,
vai chover,
tem nuvem no céu.

AMARELINHA

Basta uma calçada,
carvão ou giz,
alguns números,
duas meninas,
e já estão prontos
o inferno e o céu.

Há que pular num pé só
e acertar a pedra
na casa numerada,
iluminada de sol.
Enquanto a tarde escorre,
um fio de lua vira barco
e cada menina já para a sua casa.















UM, DOIS, TRÊS

Um, dois, três,
era uma vez,
e a menina vira
e desvira,
na frente do espelho,
uma fada de longos
cabelos, tiara e varinha,
vira e desvira
uma princesa
e uma rainha.

Um, dois, três,
era uma vez
uma sereia com olhos
de mar,
e as roupas da mãe
esvoaçam dentro do espelho,
parecem feitas de ar.

CESTA DE COSTURA

Dentro da cesta
de costura
da mãe e da tia,
agulhas e
fios de linha
colorida,
botões, rendinhas,
dedal.

A boneca pede
e a menina obedece:
Quero
um vestido novo,
com manga
e bainha.
A mãe ajuda,
corta o pano,
costura.

E lá vai a menina
feito fada madrinha
da boneca de roupa nova.

CIRANDA

Ciranda, cirandinha,
vamos todos cirandar,
enquanto ainda dá tempo,
a primeira estrela anuncia:
A noite já vai chegar.
Vamos dar a meia-volta
de mãos bem apertadas
e corações entrelaçados,
volta e meia vamos dar.



O anel que tu me deste
era vidro e se quebrou,
o tempo parece de vidro,
há que carregar com cuidado,
o amor que tu me tinhas
era pouco e se acabou,
mas amor nunca se acaba,
meia-volta, volta e meia,
outro amor há de chegar.





CABRA-CEGA

Meninos e meninas correm
pelo pátio,
enquanto apenas um
ou uma,
com um lenço amarrado nos olhos,
as mãos esticadas como se fossem
aprisionar o vento,
busca um corpo em movimento.
Há que tocá-lo como um instrumento
sempre em fuga.
Um grito é a música.



ESTÁTUA

Um bando corre pelo quintal:
meninos e meninas,
os pés como se fossem
de vento,
e um grito anuncia:
Estátua!
Parados como poça d'água,
mas alguém se mexeu
e há que pagar uma prenda.



ADIVINHAÇÕES



O que é o que é
que cai em pé
e corre deitado?
É chuva para lavar
os campos, lavar a rua,
lavar a lua.

O que é o que é
que é flor e não é sol,
mas carrega o sol
no nome?
Girassol é o que é
para pintar o dia
de ouro, de amarelo,
de alegria.



O que é o que é
que sem asas voa,
sem voz grita,
sem dentes mordisca,
sem boca murmura?
O vento é o que é
para levantar a saia
da menina,
despentear o cabelo
do menino,
para ajudar o mundo a rodar.

O que é o que é
que escorre feito vento,
não tem começo
nem fim?
O tempo é o que é
para nascer e crescer,
amar e renascer.





HISTÓRIAS DE TERROR

Chove. É noite de lua nova.
Enquanto os adultos comem
na sala, meninos e meninas
comem na cozinha.
A cozinheira senta na beira
do fogão, atiça o fogo
e conta:
Eu juro que vi, minha gente,
um sacizinho pitando
numa escuridão assim,
ali, bem na janela.



Quase caiu da gamela,
o leite azedou,
a sopa estragou,
a vela apagou.
E outra noite,
mas era de lua cheia,
um lobisomem passou por aqui,
ouvi seu passo de besta homem.
O fogo crepita.
Um medo bom percorre a mesa
como um vento. Ninguém fala.

